

LIVROS

A arte moderna em duas visões



ALBERTO TASSINARI
Especial para a Folha

ETAPAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA de Ferreira Gullar. Nobel. 263 págs. Cr\$ 48.000.
NEOCONCRETISMO/VÉRTICE E RUPTURA DO PROJETO CONSTRUTIVO BRASILEIRO de Ronaldo Brito. Funarte. 119 págs.

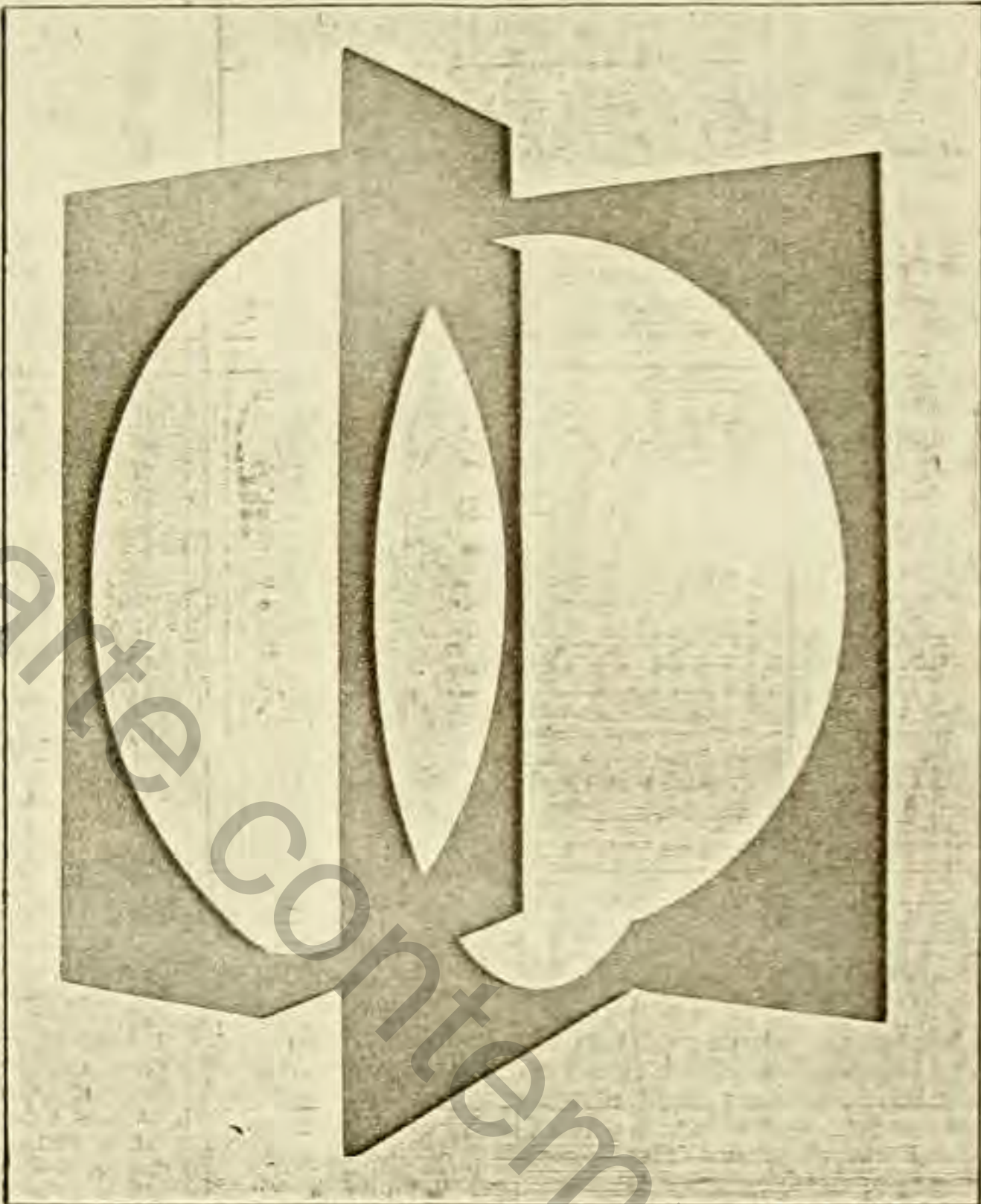
São duas importantes reflexões sobre o significado da arte moderna. Os livros de Ronaldo Brito e Ferreira Gullar são das poucas interpretações de peso da arte moderna brasileira e sua articulação com o âmbito internacional. Além disso, os dois autores se mobilizaram para interpretar o mesmo tema: o neoconcretismo.

Ferreira Gullar revê toda a tradição construtiva a partir do neoconcretismo, do qual foi o principal teórico. Já Ronaldo Brito interpreta o neoconcretismo a partir de uma visão de obras — em especial as de Marcel Duchamp — deixadas de lado pela tradição construtiva.

A leitura de Gullar é teleguiada pela sua "teoria do não-objeto". (Que poderia, na sua forma de manifesto, ter sido incluída no livro.) Esse partido torna o livro bastante desigual. Os artistas são melhor analisados conforme se aproximam mais de sua teoria. Assim, o capítulo sobre Malevitch é magnífico, a avaliação de Mondrian é ambígua, e grande parte das obras é muito bem descrita quanto às imagens que despertam, mas nem sempre quanto ao pensamento plástico que expressam. Ou não se alcança o balanço entre as duas coisas ao analisá-las. Há sempre a sombra do não-objeto a rondá-las. No entanto, a teoria do não-objeto é equivocada. Pressupõe que enquanto persiste o objeto quadro, ainda há representação (resquícios de figuração) e portanto impossibilidade de uma linguagem plástica pura de "corpos transparentes ao conhecimento fenomenológico puro".

Mas onde, em qualquer parte, e sobretudo na arte, há tais corpos? Na tela que deixou de existir e se transmutou em "escultura"? Que seja. Mas onde está, a partir de então, a transparência procurada? A questão é que, ao utilizar-se de Merleau-Ponty, Gullar, no mínimo, o transforma em Husserl. Ao reduzir a visada do quadro, seguindo a tradição de Malevitch, à pura sensibilidade do sentir, elimina a atitude natural frente a ele, mas o quadro também some. Pelas bordas, cai no "mundo da vida".

Por aqui entra a análise de Ronaldo. Na linha de Duchamp, nossa atitude frente a um quadro não é ontológica, mas cultural. Os termos da questão são,



"Círculo inscrito no quadrado" (maquete/1957), obra de Franz Weissmann

portanto, outros. Não natureza e consciência. Mas vida e sociedade. A arte, o dadaísmo e surrealismo nos ensinaria, recebe seu impulso da vida, mas a vida humana já é forma social, linguagem que se enrosca pelo esconde-esconde de nossos desejos por entre as coisas e os homens. O neoconcretismo para Ronaldo é, assim, o início de um percurso que se acentuaria cada vez mais na arte brasileira moderna: o armazenamento e dissipação, pela forma, do desejo social e político nela investido.

O rompimento das "categorias tradicionais das belas-arts", que Gullar vê simultâneo ao fim da representação, estaria, para Ronaldo, na destruição das formas sublimes e no jogo que o artista, pela obra, passa a armar entre ele, as instituições da arte e o espectador. No entanto, creio que esta concepção estratégica da arte não é fundamental no neoconcretismo. Tudo que este traz contra uma estética tradicional reside a meu ver, na busca da forma em seu nascimento. Em expressar a forma enquanto a expressão mesma se forma. Estaríamos, assim, ainda em terreno ontológico. Ao largo de Duchamp. E também o que diz, em parte, Gullar. Mas como compreender o que ele entende por expressão? A expressão implica o ocultamento parcial do que é expressado, mas as "dobras" neoconcretas, para Gullar, se explicitam num

desdobramento "integralmente perceptível" e sem resto. Como isso seria possível? Gullar, creio, transforma o ver, naquilo que Merleau-Ponty chama o "pensamento de ver". Um pensamento que domina inteiramente seu objeto, mas, para prosseguir com Merleau-Ponty, se recusa a habitá-lo. Parte de Merleau-Ponty. Mas seu destino é Descartes.

Ao que Ronaldo poderia contrapor que são as obras que nos recusam esse "habitat". Essa perversidade formulada por Ronaldo, entretanto, creio não ser possível "experimentá-la" nas obras neoconcretas. São muito evidentes naquilo que escondem. Possuem, como toda obra moderna, uma identidade problemática. O neoconcretismo ao exibi-la, entretanto, não bloqueia e desloca nosso desejo de arte. Ao contrário, procura liberá-lo desde as suas fontes.

Onde está, então, a ruptura com o concretismo? Para Gullar no não-objeto. Mas o problema se repõe. Como fica a pintura? E apenas uma etapa da arte? Para Ronaldo na perversidade, na marginalidade, do neoconcretismo. Mas como explicar, assim, essa gênese, quase sem obstáculos, das obras neoconcretas. Nem Duchamp. Nem Malevitch. De novo Cézanne?